

## **A angústia na clínica da histeria e da neurose obsessiva** **Tania Coelho dos Santos**

**Publicado em ANGÚSTIA Besset, V.L. (org.) Ed. Escuta, SP. pags. 37-52, ISBN 85-7137-200-4**

I- Um afeto que não engana

Alguns autores, na literatura psicanalítica<sup>1</sup>, ressentem-se de que Jacques Lacan teria negligenciado o afeto. Constam entre eles, inclusive, alguns ex-analisandos seus. No Seminário XVII, Jacques Lacan defende-se dessa crítica conforme se segue: “Alguém, cujas intenções não tenho que qualificar, faz todo um relatório, que sairá dentro de dois dias, para denunciar numa nota que eu deixo o afeto em segundo plano, me desfaço dele. É um erro acreditar que negligencio o afeto – como se o comportamento de todos já não fosse já suficiente para me afetar. Pelo contrário, meu seminário inteiro daquele ano se articula em torno da angústia, na sua condição de afeto central, aquele em torno do qual tudo se ordena<sup>2</sup>”. Na sequência desse trecho, a meu ver, esclarece a fonte de todo o mal-entendido. Afirma que deu toda a importância no determinismo da Verneinung, àquilo que Freud disse expressamente, que o afeto não é recalcado e sim a representação. O afeto, é o representante da representação, logo, não é um representante-representativo, uma representação entre outras mas, aquilo que a representação não pode representar senão como algo que se esquiva, desloca, inverte e não se deixa identificar. Esse afeto tem uma relação de estrutura com o que é um sujeito: “Contrariamente, o que eu digo sobre o afeto é que não é recalcado: e isso Freud, como eu também o diz. Ele é sem arrimo, segue a deriva. Encontramo-lo deslocado, louco, invertido, metabolizado, mas ele não é recalcado. O que se recalca são os significantes que o amarram.”<sup>3</sup>

Por essa razão, a angústia é o afeto que funciona como uma bússola para o analista na direção da cura analítica. A experiência da análise expõe a precariedade do saber. O saber numa análise é um saber suposto que sempre cede aos deslocamentos metonímicos da verdade. Correlativamente, os afetos na experiência analítica são enganadores, pois acompanham os deslocamentos do desejo que o movimento de uma fala necessariamente produz. A tese de Lacan<sup>4</sup> sobre a angústia,

---

<sup>1</sup> Cito como dois bons exemplos de uma posição crítica com respeito à teoria do significante, o livro sobre “A Angústia” da coleção “Problemáticas” de autoria de Jean Laplanche. Do livro “A teoria psicanalítica do afeto” de André Green, posso dizer que ele parece inspirado no desejo de suprir o que supõe ser uma lacuna do pensamento de Lacan. Um e outro foram analisandos de Lacan.

<sup>2</sup> Lacan, J. (1969/70) “O Seminário Livro XVII, O Avesso da Psicanálise, org. Zahar Eds., R.J., 1991: pag. 136

<sup>3</sup> Lacan, J. (1962/63) Le Séminaire X, L’Angoisse, inédito, Lição do dia 14 de novembro de 1962.

<sup>4</sup> Lacan, J. (1962/63) op. cit. “Todas as encruzilhadas são possíveis a partir de qualquer coisa que é a angústia., isso que é, no fim das contas, aquilo que nós esperamos e que é a verdadeira substância da angústia, “o isso que não engana”, o fora de dúvida, pois se vocês se deixam levar pelas aparências, não é porque o laço possa lhes parecer clinicamente sensível, da angústia à dúvida, à hesitação, ao jogo dito ambivalente do obsessivo, que seja a mesma coisa.” Lição de 19 de dezembro de 1962

destaca que ela é o único afeto que não engana. Na experiência analítica, a angústia sinaliza a apavorante certeza de que se trata do desejo do Outro<sup>5</sup>. Ela é a chave que abre todos os significantes aos quais uma subjetividade está ligada<sup>6</sup>. Qual é então a natureza dessa chave e como manejá-la? Se a reduzimos a uma enzima, a um hormônio ou a outra substância química qualquer, somos induzidos a medicá-la, dissolvê-la, a erradicá-la por meio de psicofármacos em nome do bem-estar. Nessa perspectiva, os efeitos das práticas contemporâneas de medicalização da angústia têm se mostrado suficientemente eloquentes. Calando a angústia, elas não fazem mais do que mascarar e eternizar o sofrimento psíquico. Escolhem o caminho oposto daquele que Freud desbravou, calam o sujeito ao invés de dar-lhe a palavra. O tratamento analítico, diferentemente, requer do analisando que: “diga”. Esse imperativo visa salvaguardar o direito universal ao mal-entendido, ao equívoco, que é a consequência do mal-estar na verdadeira natureza do homem, a de um ser imerso na língua. Desse mal, a psicanálise não nos promete a cura. Ao contrário, nos ensina a provocá-lo, a tomá-lo como a via segura para verificar nossa condição de seres falantes, de seres cujas pulsões precisam passar pelo campo do Outro, para fazer da linguagem o único instrumento possível do laço social.

A angústia então é tradutível no campo da representação<sup>7</sup>? Freud retomou várias vezes o projeto de esclarecer suas fontes, sua relação com o eu, com o recalado, com a sexualidade. Acreditou, inicialmente, que ela derivava diretamente da libido insatisfeita em consequência da privação da satisfação sexual (neuroses atuais) ou do recalque da sexualidade (psiconeuroses)<sup>8</sup>. Retificou, posteriormente, esse ponto de vista orientado pela oposição entre perigo pulsional e perigo de vida. Em torno de 1915<sup>9</sup>, Freud distingue a angústia realística da angústia neurótica. A primeira é adaptativa e sinaliza a iminência de um perigo

---

<sup>5</sup> Lacan, J. “Bem, certamente, e é justamente isso que me permite introduzir agora a relação essencial da angústia à ação como tal, é justamente da angústia, talvez, que a ação emprsta sua certeza.” Lição de 19 de dezembro de 1962

<sup>6</sup> Lacan, J. (1962/63) op. cit. Lição de 21 de novembro de 1962

<sup>7</sup> Em Inibição, sintoma e angústia, o trabalho mais extenso sobre a angústia, Freud afirma sobre a natureza desse afeto: “Se formos adiante e indagarmos da origem dessa angústia – e dos afetos em geral – estaremos deixando o domínio da psicologia pura e penetrando o domínio da fisiologia. Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primevas e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos.” Freud, S. [1926 (1925)], in ESB, Vol. XX, Imago Eds., RJ, 1972: pags.114 e 115.

<sup>8</sup> Freud, S. [1895(1894)] Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada “neurose de angústia” e (1895) Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia, in ESB, Vol. III, Imago Eds. RJ, 1972

<sup>9</sup> Reproduzo os trechos mais importantes: “A ansiedade realística atrai nossa atenção como algo muito racional e inteligível. Podemos dizer que ela é uma reação a à percepção de um perigo externo – isto é, de um dano que é esperado e previsto.” Pag. 459 e “Se agora passamos a considerar a ansiedade neurótica... Em primeiro lugar encontramos uma apreensão generalizada, uma espécie de ansiedade livremente flutuante que está pronta para se ligar a alguma idéia que seja de algum modo apropriada para esse fim” Pag. 464 Freud, S. [1917 (1915-1916)] Conferência XXV, Sobre a Ansiedade, in ESB, Vol. XVI, Imago Eds., RJ., 1972

exterior. O que distingue a segunda da primeira, é seu caráter visivelmente desconectado com o perigo real da vida, e isso revela que sua verdadeira fonte é o perigo pulsional. Nesse caso, a angústia é um sinal do eu (Angstbereitschaft) diante de um perigo pulsional. Nessa época, o perigo pulsional ameaça o eu por ocasião do retorno do recaiado.

A partir de 1926, Freud volta a reconhecer que há uma fonte da angústia independente do recalque. Trata-se de uma angústia automática (Automatishe Angst), derivada diretamente do traumatismo original, o trauma de nascimento<sup>10</sup>. Efetua uma nova torção de seu ponto de vista sobre a angústia resgatando as modalidades mais dissociadas do pensamento, as formas onde aparentemente não há representação e que parecem derivar diretamente do traumatismo. Freud as distingue de sua forma mitigada, a angústia simbolizada, que funciona como uma representação do eu, do perigo interno ou pulsional para o eu. Lacan ensina a diferenciar essa angústia simbolizada, alienada aos significantes do Outro, de outra mais elementar, mais primitiva, derivada da experiência traumática do primeiro encontro com o desejo do Outro. Freud, como dizíamos, circunscreve a natureza desse perigo associando-o com o trauma de nascimento e o perigo de vida que ele envolve. Uma vez que o modelo freudiano é filogenético<sup>11</sup> e não linguístico como o de Lacan, observamos que algumas questões relativas à constituição do sujeito restam bastante obscuras em sua obra. Podemos delimitar os efeitos de impasse teórico e clínico do modelo freudiano, a partir de sua tese da existência de uma força mais primitiva e mais compulsiva no aparato psíquico que as pulsões sexuais, a pulsão de morte. Em outro trabalho, demonstrei a relação entre a fonte automática da angústia e a pulsão de morte<sup>12</sup>. Nos dois casos é preciso situar suas relações com a repetição pulsional e interrogar qual é a natureza do objeto dessa busca, uma vez que angústia automática deriva da mesma fonte que a compulsão à repetição e tem relações com o triebhaft, o mais pulsional na pulsão. Sobre isso não direi mais que o essencial. Registro de passagem que essa idéia de um puro perigo pulsional, de uma angústia automaticamente derivada do trauma de nascimento, correlaciona-se com a crença de que pode haver uma angústia sem objeto (objektlos). Esse ponto de vista tende a reforçar a modalidade de intervenção

---

<sup>10</sup> Ainda nesse texto Freud afirma sobre o traumatismo original: “Nos homens e nos animais superiores pareceria que o ato de nascimento, como primeira experiência de angústia do indivíduo, imprimiu ao afeto de angústia certas formas características de expressão.” Freud, S. [1926 (1925)] op. cit.: pag. 115

<sup>11</sup> Em estudos sobre Histeria (1893-1895), Freud cita Darwin para quem a expressão das emoções “consiste em ações que originalmente possuíam um significado e serviam a uma finalidade (ESB., Vol. II, Imago Eds. RJ., pag.: 231) Na Conferência XXV afirma que o núcleo de todo afeto é a repetição de uma experiência significativa específica”, (Freud, S. (1926 (1925) op. cit. pags. 114/15) acrescentando em seguida que “um ataque histérico pode ser parecido com um afeto individual recém-construído, e um afeto normal com a expressão de uma histeria geral que se tornou herança (pags. 156/7).

<sup>12</sup> Coelho dos Santos, T. A pulsão é pulsão de morte? In : Tempo Psicanalítico, vol. 25, SPID Ed., 1991

terapêutica com medicamentos, uma vez que sedimenta o ponto de vista de que a angústia é primeiro que tudo uma experiência com origem nas perturbações de um corpo fora da linguagem.

## II- A filogênese e a linguística

Com o retorno de Lacan à Freud, perdemos de vista as diferenças epistemológicas entre o modelo freudiano e lacaniano. A constituição do sujeito para Freud pode abreviar-se conforme a lei de Haeckel: “a ontogênese repete a filogênese”. Observe-se que o problema das origens em Freud é respondido por meio do fato filogenético originário. O assassinato do pai primordial, não é para Freud (como se costuma dizer) apenas um mito. É uma construção acerca de um acontecimento real. Em “Totem Tabu” (1912) Freud distingue a interdição do incesto da proibição do parricídio. Nunca houve incesto enquanto que o parricídio é real, pois “no princípio foi o ato”. O que na ontogênese se repete é ao mesmo tempo a forma mitigada do épico originário, o Complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, a força traumática do acontecimento real. O desejo edípico, incestuoso e potencialmente parricida, aciona a angústia como um sinal diante de um perigo realístico (ameaça de castração) mas, atualiza também o perigo real derivado do parricídio originário. Há uma marca no psiquismo do assassinato do pai primevo. Essa formulação elucida o enigma da pulsão de morte e da repetição silenciosa que é sua mais importante manifestação. Do pecado original, do crime de morte contra o pai, resta o sentimento inconsciente de culpa. O núcleo pulsional do supereu arcaico é a compulsão à repetição do assassinato primordial. O supereu arcaico é cultura pura de pulsão de morte enquistada no Isso. Essa teoria explica inclusive porque nos tornamos “criminosos em consequência do sentimento inconsciente de culpa”<sup>13</sup> ou ainda, “fracassados por causa do sucesso”<sup>14</sup>.

O retorno de Lacan à Freud não é a repetição do texto freudiano, como muitas vezes, o ensino hagiográfico da psicanálise leva a crer. O retorno à Freud de Lacan, se orienta pelo estilo da pesquisa freudiana e, eu ousaria dizer, contraria os modelos epistemológicos hegemônicos na ciência do tempo de Freud. O modelo linguístico não é homogêneo ao modelo filogenético. Entretanto, Lacan superpôs um ao outro no primeiro tempo do seu ensino. Aprendemos nessa etapa a homologar a função do significante, função de nomeação que abre um furo no real, à função do pai edípico de agente de castração, bem como à função do

---

<sup>13</sup> “Em muitos criminosos, especialmente os principiantes, é preciso detectar um sentimento de culpa muito poderoso, que existia antes do crime, e, portanto, não é o resultado, mas sim o motivo. É como se fosse um grande alívio ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo imediato”.(Freud, S. (1923) O Ego e o Id, ESB., Imago Eds., RJ., 1972:pag. 69)

<sup>14</sup> Freud, S.(1916) Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho analítico, in ESB, Vol. XIV, Imago Eds. RJ. 1972: pags. 351/379

pai primevo de exceção à cadeia dos significantes<sup>15</sup>. O avanço do ensino de Lacan, como se pode verificar no Seminário XVII, já não identifica mito e estrutura. A partir do Seminário XX, Lacan, nos convida a tratar o “ser falante”, menos como sujeito mortificado, determinado pela estrutura do significante, e mais como o ser vivo, sem Outro prévio que o determine. O ser vivo, imerso n’alíngua, fala. Falando, serve-se da linguagem para relacionar-se com Outro. O laço com o Outro não se reduzirá mais às estruturas herdadas pela tradição e radicadas nos hábitos coletivos. O laço social estendeu-se para incluir as invenções, isto é, as suplências ao que não está dado previamente na estrutura, nem determina o sujeito como seu efeito. O ser falante não é apenas um sujeito, isto é, “um significante que representa um sujeito para outro significante”. O ser falante, fala por falar, não se endereça ao Outro, porque “não há relação sexual”. Neste período do ensino de Lacan descortina-se uma dimensão da fala que é puro gozo com a lalação.

Esse novo ponto de vista aprofunda a teoria da repetição. O que se repete, não é um o efeito do acontecimento filogeneticamente determinado como queria Freud. O que se repete, e impele à fala, é carente de estrutura, é sempre outra coisa, diferente de qualquer acontecimento historicamente efetuado. O ser falante precisa suprir a carência de estrutura inventando um laço inédito com o Outro. Inventar não é reproduzir.

A descoberta de um princípio mais primordial que o princípio do prazer, a pulsão de morte, correlaciona-se com a delimitação na clínica freudiana de diversas modalidades de impasse para a ambição terapêutica do analista. Entre outros, Freud menciona o apêgo ao sintoma, a repetição de sonhos traumáticos, a inacessibilidade narcísica de alguns pacientes e a reação terapêutica negativa. A pulsão de morte restou na obra freudiana como uma “espécie de pecado original” da espécie humana, que a destina ao sofrimento neurótico, à inibição, ao sintoma e à angústia.

A introdução do modelo linguístico, condição do primeiro retorno de Lacan à Freud, foi um primeiro passo para desvencilhar a teoria de dessas descobertas clínicas de suas explicações mitológicas e, elevá-las ao plano da estrutura da linguagem e das leis do significante. No lugar do mito obscuro do “assassinato do pai primordial”, Lacan ensinava que o advento da fala mata a Coisa e instala o sujeito como “falta à ser”, sujeito privado do gozo pela estrutura do significante, desejante de um objeto perdido. O essencial de seu ponto de vista é que sobra sempre um resto da divisão do sujeito no campo do Outro, e esse resto, é o objeto da angústia. A explicação da repetição pulsional liberta-se, até certo ponto, dos fenômenos clínicos que a manifestam: o masoquismo da fixação ao sintoma, o sentimento inconsciente de

---

<sup>15</sup> Esse ponto foi bastante investigado e encontra-se publicados no artigo: “As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção lacaniana”, in: Sobre a Psicose, Contracapa, RJ, 1999

culpa, a indiferença narcísica. Afetado pela dependência de um significante de outro significante, o sujeito encontra-se determinado pelo insondável desejo do Outro. Sobre seu ser, sobre o que o determina, ele não sabe, é inconsciente. Por essa razão, o índice do sujeito, determinado pelo desejo do Outro, é a angústia. Esse afeto, e não a culpa pelo parricídio, é o índice da dependência do sujeito das leis da linguagem e, por conseguinte, do fracasso terapêutico em consequência da repetição pulsional. O ato do analista não visa curar o sujeito da angústia, visa despertá-la.

### III- Arrancar da angústia a certeza

Dizendo isso, mudamos de perspectiva. O fracasso terapêutico não é um acontecimento independente do ato do analista. Se, “aquilo que o princípio do prazer faz o homem buscar seja o retorno de um signo, que o que há de distração naquilo que conduz sem que ele saiba, em seu comportamento, seja aquilo que lhe dá prazer por ser de alguma forma de eufonia, que aquilo que busca e reencontra seja seu rastro em detrimento de sua pista – a importância disto precisa ser medida no texto freudiano para também poder conceber qual é a função da realidade”<sup>16</sup>, a experiência analítica, longe de costurar essa fenda, vem provocá-la, suscitá-la, reabrir-la. Convocamos o analisando a dizer tudo, e deste modo relançamos a busca do objeto perdido. Entretanto, no campo do princípio do prazer, do retorno dos signos ligados à satisfação e à constituição da sua realidade que é sua história, abre-se um furo, uma falta de significante. A marca de uma falha, de uma falta de significante, é rival da história individual e das satisfações que o sujeito poderá reencontrar percorrendo os trilhamentos pré-ordenados por ela. O encontro com essa ausência desperta a angústia, apontando que o objeto perdido não é o recalcado, é irrecalcável. Os significantes podem ser recalcados, mas o objeto a, verdadeiro objeto da angústia, não pode ter o mesmo destino. Na experiência analítica ele se segue à deriva, é metabolizado, transformado, deslocado mas nunca recalcado. O desejo do analista conduz o sujeito pela via de uma busca que retorna sempre ao mesmo lugar, o de um encontro faltoso, que nos impõe recomeçar com novos custos.

Recomeço que precisa ser sempre outro, sempre novo, ou faltará aquilo que garante o princípio do prazer/princípio de realidade, esse objeto extraviado. A angústia, entre o gozo e o desejo, é o índice do encontro faltoso, do mal-entendido entre os sexos, de um sujeito subvertido, separado do objeto causa do desejo, um desejo novo em vias de advir. O desejo do analista é uma aposta no risco implicado na repetição pulsional, o encontro com algo não-sabido, não historiado,

---

<sup>16</sup> Lacan, J. (1959/60) O Seminário Livro VII, A ética da psicanálise, Jorge Zahar Eds. 1988: pag. 22. Esse ponto, Lacan retoma no Seminário XX, reduzindo o nó borromeano ao grito: “não é isso”.

que funciona como mola da renovação do sujeito no campo do Outro e de onde se poderá, então, extrair uma laço novo.

Conferir a primazia à angústia, na direção da cura analítica, implica em redefinir a tarefa do analista e a natureza da interpretação. A interpretação freudiana visava levar o mais longe possível o trabalho da repetição como recordação e elaboração das experiências recalçadas. O desejo de Lacan visa reabrir o furo, tocar a hiância, o vazio de sentido que constitui o sujeito, para não deixá-lo girar infinitamente em falso em torno desse ponto do qual não há rememoração possível. O desejo do analista visa a atualização da realidade sexual do inconsciente, disto não há história, nem saber recalçado. Conferir primazia à angústia é restabelecer o não-sentido próprio a esses momentos em que o sujeito se perde. É relançá-los, sem se deixar seduzir pelos efeitos de um saber em posição de verdade que, na posterioridade dos efeitos desse encontro real com o vazio, permite ao sujeito reencontrar-se. De acordo com Lacan, o sujeito na angústia está em casa, na intimidade com a mais absoluta estranheza que o constitui.

O manejo correto da angústia requer que o analista evite reduzir o comparecimento do sujeito, que é sempre novo, às angústias do complexo de castração: a reivindicação feminina do falo que a mãe não lhe deu e o temor masculino de submissão a outro homem. Se essas duas posições acarretam, como Freud verificou, o repúdio da feminilidade, é porque são armaduras defensivas, são angústias postizas. São fixações fantasmáticas que velam o encontro traumático com o mal-entendido entre os sexos, com a ausência da relação sexual, sob o manto protetor do retorno do recalçado.

A experiência da angústia numa análise é a renovação do encontro com o real da inexistência da relação sexual. O sujeito destituído, ultrapassado, será, na posterioridade dos efeitos desse novo encontro, radicalmente excêntrico à sua história e ao saber que nela se produziu. Por essa razão, tomar a angústia como objeto, desejá-la, produzi-la é o recurso para refundar o sujeito mais além do Complexo de Édipo e das angústias do complexo de castração. O desejo do analista visa retificar as relações do sujeito com o real. Renomeando os impasses clínicos que a interpretação freudiana do inconsciente nos legou, Lacan pensou retomar os obstáculos à cura das neuroses para além do Complexo de Édipo e da angústia de castração. Essa estratégia nos remete às fixações das pulsões parciais, que consolidam o caráter e o sintoma como resposta do sujeito ao real da relação sexual que não há. Apontam para o que, no campo da subjetividade, é um laço inédito com o Outro, e que não se pode analisar.

#### IV- Da angústia à transferência: crônica de um novo amor

O desejo do analista é o nome do desejo de Lacan. Nome de uma estratégia clínica que visa abordar o inconsciente mais além do retorno do recalçado. Os impasses da clínica freudiana nascem da excessiva

importância concedida ao saber estabelecido, à crença na consistência do Outro, na autoridade da tradição, nos poderes da investigação científica e no mito que sintetiza tudo isso: o mito paterno. Como dizíamos, o primeiro ensino de Lacan, tal como Freud, não separa adequadamente o Outro, alíngua, do pai, que é, afinal, o mito freudiano que codifica o desejo de Freud.. Quando Lacan homologa a função do significante à do mito paterno, deixa o desejo enredado na reivindicação de um gozo impossível. O mito de um pai morto, guardião do gozo, dá consistência à fantasia edípica do pai como agente da castração. Nessa perspectiva, a relação ao gozo é uma constelação em impasse, pois o desejo fica circunscrito á vontade de transgressão<sup>17</sup>. A angústia fica encerrada no complexo de castração em suas vertentes feminina e masculina. Em seu Seminário XVII, Lacan aprofunda a separação entre mito e estrutura, preparando o terreno para retomar a teoria do objeto para além do Édipo. Embora, uma vertente verdadeiramente feminina do desejo só venha à ser formalizada no Seminário, XX, penso que esse passo foi essencial para interrogar se todo desejo se reduz ao desejo edípico e se todo objeto é, afinal de contas, proibido ou impossível. Penso que afirmar que a angústia não é sem objeto<sup>18</sup>, foi um passo importante para ressituar o objeto do desejo para além da proibição ou da impossibilidade de alcançar esse gozo de que o pai morto é o guardião. O objeto a como objeto mais-de-gozar, é da ordem uma suplência e formaliza a solução contingente que um sujeito produz diante da relação sexual que não há.. Para tanto, será preciso que Lacan amplie o alcance de seu aforisma, “não há relação sexual”, de modo a deixar ver que há uma positividade no mal-entendido entre os sexos, há um gozo a mais com o mal-encontro. O inconsciente não é apenas o índice de uma subtração do gozo, efeito de uma perda do objeto que constitui o sujeito como falta-à-ser. O inconsciente é também a consequência de que o ser, falando, goze, e não queira saber nada disso.

É muito significativo que no Seminário XX, Lacan retifique sua relação com a linguística conforme se segue: “Chamarei a isso de linguisteria. ... Meu dizer que o inconsciente é estruturado como a linguagem não é do campo da linguística”<sup>19</sup>. Esse dito afeta diretamente a regra fundamental da psicanálise pois ele acrescenta: dizer tudo não impede de dizer não tudo<sup>20</sup>. Do ponto de vista de uma linguisteria, o inconsciente é o campo da besteirada, logo, não se trata de que se deva dizer tudo e sim de dizer não importa o quê. E ainda: desejo do analista não é apenas o desejo de extrair um saber recalcado mas, visa também instaurar uma relação à linguagem que dê lugar ao gozo feminino. Elas falam e não sabem o que dizem e sobre esse gozo elas

---

<sup>17</sup> Cf. Coelho dos Santos, T. Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais, Ed. Bertrand Brasil, RJ., 2001 (no prelo)

<sup>18</sup> Lacan, J. (1962/63) op. cit. Lição do dia 16 de janeiro de 1963

<sup>19</sup> Lacan, J. (1972/73) O Seminário Livro XX, Mais ainda, Jorge Zahar Eds., 1982 pag. 25

<sup>20</sup> Lacan, J. (1972/73) op. cit. pag. 79



não soltam uma só palavra. O imperativo que dirige a cura não será mais a exigência de que se “diga tudo”, como um cientista em busca da verdade. O imperativo analítico vai requerer que se diga “não importa o quê”, que se possa tagarelar como uma mulher.

Para além do desejo de saber, desejo freudiano por excelência, o inconsciente é meio de gozo.. Se, como aprendemos no Seminário X, a angústia é o afeto que não engana e que abre todos os significantes aos quais uma subjetividade está ligada, agora, reaprendemos que o laço analítico, mais além da angústia e de todo desejo de saber e de poder que com ela se associa, deve dar lugar a um novo amor. O amor, ensina Lacan em 1972/73, é o signo de que se muda de discurso<sup>21</sup>. Que amor é esse? Certamente, já não se trata do amor narcísico, laço especular com o outro que engendra tantos impasses<sup>22</sup>. O amor à alíngua, é o gozo com o mal-entendido, gozo com o fracasso de todo esforço de comunicação. Sobre o amor, Lacan especifica, que não se trata do gozo do Outro, nem do corpo que simboliza o Outro<sup>23</sup> e sim do desejo do analista.

Não é possível dar conta desse novo amor, se não enfrentamos a reversão de paradigma que se opera no Seminário XX. Para além do Édipo, o significante não é apenas aquilo que precede e determina o sujeito. Tomamos distância da tese que marcou o primeiro ensino de Lacan, ou seja, o sujeito se constitui a partir da simbolização do Nome-do-Pai. Essa tese implica, como já dissemos, em homologar a função do significante à função do pai edípico como agente que transmite a castração. A tese de que há forclusão do Nome-do-Pai na psicose, implica que a estrutura neurótica é para-todos e que não há simbolização do real fora dela. Depois do Seminário XX, Lacan já não supõe que deva haver, necessariamente, um Outro prévio a partir do qual o ser falante se constituiria como sujeito, como efeito de significação. O ser falante não é o sujeito esvaziado de gozo pela introdução do significante paterno. A condição do ser falante é o fato de que não há relação entre o que se diz e o que se ouve ou se escreve. Desta forma, não se supõe, necessariamente, uma relação de estrutura entre significante e significado, tal que um significante (desejo do pai) penetra outro significante (desejo da mãe), para que se engendre um ser que fala.. Nesta redefinição, o Outro consistente dos mitos paternos freudianos esvazia-se de sentido. Uma nova apreensão do Outro o circunscreve como radicalmente inconsistente. Esse passo acarreta uma rejeição da estrutura da neurose como para-todos, em favor de

---

<sup>21</sup> Lacan, J. (1972/73) op. cit. “ O maior é o signo, apontado como tal, de que se troca de razão ... mudamos de razão, quer dizer – mudamos de discurso... Muito bem, eu diria agora que desse discurso analítico há sempre alguma emergência a cada passagem de um discurso a outro.”:pag. 26

<sup>22</sup> Lacan, J. (1972/73) op. cit. “ A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico ... O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser UM, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos.. A relação dos quem? Dos dois sexos.” Pag. 14

<sup>23</sup> Lacan, J. (1972/73) op. cit. “O Gozo do Outro, do Outro com A maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor.”: pag. 12

uma teoria da forclusão generalizada. Se não se privilegia, obrigatoriamente, o simbólico como uma dimensão prévia que antecede e determina todo sujeito, não há nada a recuperar, a recordar e repetir é repetir sempre a mesma rata. O objeto, na experiência da análise, adquire valor de suplência, de invenção, de semblante de um Outro que não existe. Penso, que essa redefinição desloca o primado da angústia na direção da cura analítica e, introduz uma nova perspectiva do amor de transferência, enfatizando seu valor de suplência desse Outro que não há. Esse passo, somente nos interessa aqui, na medida em que se trata de pensar como foi que Lacan retomou o enigma freudiano da familiaridade. Penso que redefinindo a tarefa analítica a partir da relação das mulheres com a fala, esclarecemos como é que se pode ir além da angústia de castração e não repudiar a feminilidade.

V- O que fazer com a angústia na clínica?

Passo, preliminarmente, a retomar algumas notas acerca do angústia na clínica das neuroses, extraídas do Seminário X, para atualizá-las conforme essa nova perspectiva.

A angústia tem relação com um ponto da constituição do sujeito em que ele não é ainda. Entre o gozo e o desejo, a angústia remete a um tempo que Freud elucidou por meio do fantasma “Bate-se numa criança”. Esse tempo irrememorável localiza-se entre, “meu pai me ama” e, “meu pai bate na criança que eu odeio”. Esse tempo, que só se pode reconstruir, estrutura-se suposta como “meu pai me bate”. Esse é o tempo da angústia. Aí não há sujeito. O sujeito em vias de advir, reduz-se a ser aí um objeto dejetado da cena. Esses três tempos, estruturam a passagem do sujeito indiferenciado, alienado no campo do Outro, ao sujeito separado do Outro e que deseja um objeto a, enquanto resto do gozo perdido.

O comparecimento da angústia na experiência analítica é da ordem da atualização de um tempo em que o sujeito, ainda inconstituído, precariamente diferenciado do Outro, está em vias de advir. A angústia requer do analista que faça a diferença entre o “ponto de desejo” e o “ponto de angústia”, provocando a queda do objeto e a separação do sujeito do campo do Outro. O laço inconsciente com o Outro é, ao mesmo tempo, um obstáculo à constituição do sujeito da fala e uma fonte de renovação subjetiva.

É comum que esse ponto de angústia se manifeste na histeria como aversão. Da anorexia à frigidez sexual, a histeria apresenta uma modalidade masoquista de presentificação da angústia, como um desejo de nada. Esse desejo de nada é desejo de um resto da demanda do Outro, o que aponta para a indiferenciação do sujeito. O desejo de algo que não sirva para nada, serve para que não se possa tomar esse algo, como índice do seu valor, relativamente a outros objetos valorizados. Esse desejo de nada é também o índice da satisfação da pulsão. Contraditoriamente, a pulsão se satisfaz com o

fracasso. No Seminário XX, Lacan dirá que o índice dessa satisfação é o grito: “não é isso”<sup>24</sup>. Esse desejo de nada mascara-se na demanda do falo. Por isso, Lacan nos aconselha a diferenciarmos o objeto causa do desejo do gozo com a falta, que constitui a satisfação da pulsão.

Freud, como se sabe, pensava ser impossível ir além da angústia de castração. Em “Análise terminável e interminável”, nomeia essa angústia de rochedo, obstáculo da castração. A castração é o obstáculo que mantém o neurótico numa posição de repúdio da feminilidade. Em consequência dessa angústia, as mulheres se aferram à reivindicação do falo e os homens sentem-se ameaçados diante da possibilidade de submissão a um outro homem. Sobre isso, Lacan dirá que se não se faz da angústia uma abertura, o desejo fica em impasse.

#### a) A angústia na histeria

Se Freud deixou as mulheres na reivindicação do falo é porque lhe escapou que “se mulher quer o falo é para fazer melhor que o homem”. A demanda do falo não é o desejo feminino pois, sua relação com o “que a mãe não lhe deu”, foi Freud quem primeiro decifrou. Isso se vê, por exemplo, no comportamento exorbitante da jovem homossexual. A reivindicação fálica a impele no sentido de elevar a “outra mulher” à condição de falo absoluto. Nessa condição, a mulher nada mais faz que se encarregar do fracasso masculino;

Toda a questão da histeria, no que ela é acompanhada inclusive de episódios mais ou menos manifestos de homossexualismo, é a de uma constelação em impasse: a ignorância quanto ao lugar da conjunção sexual e a impossibilidade, portanto, de realizá-la. É porque o falo não pode realizar o encontro dos desejos que a mulher é levada a reivindicá-lo. No Seminário X, Lacan esclarece que o órgão peniano cede sempre prematuramente diante da demanda do Outro<sup>25</sup>. E no Seminário XX, ele acrescenta que o gozo fálico é gozo do próprio órgão pois, não é certo que se possa gozar do Outro, nem do corpo que o simboliza<sup>26</sup>. O desejo feminino, se ele fica circunscrito à demanda do falo, caminha para o impasse.

O desejo fálico não é o desejo primordial. Para além do complexo de castração e do seu objeto, o falo, é preciso delimitar os regimes do funcionamento do objeto no plano das demais pulsões. A angústia é o operador que nos permite fazer a diferença entre a função de animar,

---

<sup>24</sup> Lacan, J. (1972/73) “Foi então no ano passado, ...que tomei por tema a fórmula que acreditei poder suportar com o nó borromeano – eu lhe peço que recuse o que lhe ofereço porque não é isso. ..Não é isso é o grito que distingue o gozo obtido e o gozo esperado.” Pag. 152

<sup>25</sup> Sobre isso, Lacan ( 1962/63) esclarece que, no registro fálico, a angústia relaciona-se com ao campo onde a morte liga-se estreitamente à renovação da vida. A angústia é o sinal do apelo a um gozo que ultrapassa os limites do eu. Lição do dia 20 de maio de 1963

<sup>26</sup> “ Gozar tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro. Mas esta parte também goza – aquilo agrada ao Outro mais, ou menos, mas é fato que ele não pode ficar indiferentes. Lacan, J. (1972/73) op. cit.

sustentar o desejo que tem o objeto enquanto resto e a falta, condição da satisfação. Freud não teria diferenciado a falta e o objeto do desejo, pois no fantasma um e outro estão mesclados. Essa não coincidência, em ato, é a verdade da falta, a disjunção entre desejo e gozo, que a angústia visa. Essa disjunção é o impasse freudiano diante do complexo de castração. O objeto é causa do desejo mas, a falta é a condição da satisfação.

Porque Freud não fez essa distinção, muitos pós-freudianos passaram a procurar a completude que não se encontra no registro fálico, no âmbito da pulsão oral e na relação com a mãe.

O impasse da histeria diante do complexo de castração se equaciona quando tomamos os destinos da pulsão oral como metáfora que permitira abordar o objeto no nível fálico. Ao nível da pulsão oral, intervém, na constituição do objeto, uma homologia estrutural com a função fálica e a dissimetria entre os sexos que é um obstáculo à relação sexual. A língua joga na sucção (e na fala, igualmente) a função de aspiração e sustentação do vazio. O objeto da pulsão oral, não é o seio ou o leite mas, é no vazio contornado pelo ato de sugar que ele é constituído. O ponto de angústia, nesse nível está do lado do Outro materno, seu fantasma de vampirismo e, de ressecamento do seio. O sujeito histérico, não efetua sua separação do mamilo como objeto a. Por essa razão crê que esse objeto é do Outro. Consequentemente, pensa que tem alguma coisa a restituir à mãe. O inverso da reivindicação fálica é a dedicação generosa de quem “não espera nada para si”.

No nível fálico, igualmente, o lugar da angústia e do desejo não coincidem. Acham-se invertidos se comparados à estrutura da pulsão oral. A angústia aqui é do sujeito. É o Outro que deseja a privação do órgão. No orgasmo há coincidência entre a angústia e o desejo. Se Freud diz que o orgasmo é a maior satisfação é apenas em consequência dessa ligação assegurada pela angústia como fundo de certeza. O orgasmo é a única angústia que não é sinal, pois aponta a aproximação real do objeto a. Não havendo para a mulher essa coincidência entre a angústia e o desejo, lhe faltará certamente, a garantia “do que ela quer”. No Seminário XX, Lacan estranha que as mulheres psicanalistas não tenham avançado nada sobre a sexualidade feminina. Propõe abordá-lo pela via da lógica. Desse gozo, a mulher nada sabe e por mais que supliquemos nunca se pode tirar nada. Simplesmente se ela o experimenta não sabe nada dele.

Penso que é essa ignorância quanto ao gozo feminino que orienta as formulações que se seguem.

#### b) a angústia do obsessivo

Só se transcende a angústia de castração analisando o objeto escópico ao qual ela está ligada. Na experiência analítica incitamos o analisando a tomar a angústia como objeto, contemplando-a. Somente

enfrentando-a é que se pode destacar os objetos aos quais a subjetividade está fixada e que se velam sob a angústia fálica. Uma vez que o olho se constitui como espelho do olhar do Outro, o desejo escópico mascara a falta do objeto no campo imaginário. Somente a voz ultrapassa a ocultação da angústia no desejo. A pulsão tem nesse nível uma relação mais direta com a função criadora do vazio. Toda emissão fônica ressoa num vazio que é o vazio do Outro, da falta de garantia do Outro. O significante entra no mundo como um eco no real, uma voz no imperativo que reclama obediência, convicção. Todos os objetos surgem como dons, objetos, de um sacrifício que se é levado a fazer em razão do desejo do Outro, para que o Outro não se angustie, para que deseje e que sejamos desejáveis. A angústia primordial gira em torno do desejo do Outro, ela é o eco de sua voz

O sintoma obsessivo é exemplar. Se ele não obedece, se angustia. A angústia do obsessivo é a constatação do desejo no Outro, que emerge na sua forma pura: a voz que acusa. Ele se esforça para recalcar esse desejo reduzindo-o à demanda do Outro. O Outro deve autorizá-lo e o obsessivo não cessa de demandar-lhe isso. O objeto a localiza-se no estágio anal, onde a demanda do Outro domina tudo. As fezes fecham a dialética do desejo e sua dependência da fala. O desejo anal se apóia na inibição do movimento de expulsão de algo “que não se deve reter”. É a demanda da mãe que determina a retenção das fezes para só aliená-la para satisfazê-la. O obsessivo identifica-se com esse objeto. Isso se manifesta na sua ambivalência. A organização fálica mascara tudo isso. O desempenho do obsessivo no registro fálico faz um curto-circuito do desejo. Toma a via da potência, da reflexão especular, do suporte narcísico e da mestria de si no campo do Outro. O desejo do obsessivo fica em impasse nos fantasmas de onipotência nunca realizados pois, o sujeito projeta-se no campo do ideal. A onipotência narcísica é o efeito do fantasma de um Deus todo poderoso, onipresente e oniciente. Ele crê no olho universal de um Deus que vê todas as suas ações. Por isso, o desejo do obsessivo só se realiza com a condição de que ele não seja o autor de seus atos. É assim que ele mascara sua angústia. Para escapar à angústia, o objeto do seu desejo situa-se sempre num plano idealizado ou impossível. A angústia na neurose obsessiva dá testemunho de sua identificação a um objeto “nojento”. Essa identificação dificulta que ele fale por falar. A análise se torna uma tarefa idealizada, que se efetua para atender o que se espera dele. Do mesmo modo, faz do fracasso analítico um alimento para o sentimento de culpa, máscara de sua identificação ao objeto.

#### Referências bibliográficas

Coelho dos Santos, T. A pulsão é pulsão de morte?, in, Revista do Tempo Psicanalítico, no\_25, Ed. SPID, RJ. 1991

-----A angústia na teoria e na clínica psicanalítica, in, Revista do Tempo Psicanalítico, no\_27, Ed. SPID/RJ, 1994

-----Fundamentos da direção da cura psicanalítica:  
da angústia ao desejo na clínica da histeria e da neurose obsessiva, in  
Cadernos do tempo Psicanalítico, n<sup>o</sup> 1, Ed. SPID/RJ., 1995

-----As estruturas freudianas da psicose e sua  
reinvenção lacaniana, in , Birman, J. (org.) Sobre a psicose, Contracapa  
Eds. RJ, 1999

----- Quem precisa de análise hoje?, Ed. Bertrand Brasil,  
RJ., 2001, (no prelo)

Freud, S. Obras Completas ESB, Imago Eds. RJ, 1972

-----[1895(1894)] Sobre os critérios para destacar a neurastenia de  
uma síndrome particular intitulada neurose de angústia. Vol. III

----- (1895) Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de  
angústia , Vol. III

----- (1916) Alguns tipos de caráter encontrados no tratamento  
psicanalítico, Vol. XIV

-----[1917 (1915-16)] Conferência XXV, Sobre a ansiedade Vol. XVI

----- (1923) O ego e o id, Vol. XIX

-----[1926 (1925)] Inibição, sintoma e angústia, Vol. XX

Lacan, J. (1962/63) Seminário X, L' Angoisse, inédito

----- (1959/60) O Seminário Livro VII, A ética da psicanálise, Jorge  
Zahar Eds., RJ, 1988

----- (1969/70) O Seminário Livro XVII, O avêso da psicanálise,  
Jorge Zahar Eds., RJ, 1991

----- (1972/73) O Seminário Livro XX, Mais ainda, Jorge Zahar Eds.  
RJ, 1982